

USOS DE PREPOSIÇÕES POR FALANTES DE ITALIANO COMO LÍNGUA MATERNA NA APRENDIZAGEM DO PORTUGUÊS BRASILEIRO COMO LÍNGUA ADICIONAL: UMA VISÃO LINGUÍSTICO-ECOSSISTÊMICA

Stephanie de Carvalho Guerra (PPGLL/UFG)

Elza Kioko N. N. do Couto (PPGLL/UFG)

Abstract: This paper is part of an ongoing master's thesis, whose objective is to analyze the use of prepositions by native speakers of Italian who are learning Brazilian Portuguese as an additional language. The *corpus* of the research consists of 50 textual productions that were provided by teachers of the Centro Cultural Brasil-Itália (CCBI) course based in Rome. From the data, we will verify which prepositions were used in their prototypical senses, and which ones were rearranged to cover other meanings beyond those of more recurrent uses. The analysis will have Ecosystem Linguistics as theoretical assumptions, with emphasis on the Ecology of Space Relations (ERE), proposed by Couto (2007, 2017).

Keywords: Mother tongue. Additional Language; Ecosystemic Linguistics; Prepositions; Ecology of Spatial Relations.

Resumo: Este artigo faz parte de uma dissertação de mestrado que está em andamento, cujo objetivo é analisar os usos das preposições pelos falantes de italiano como língua materna que estão aprendendo português brasileiro como língua adicional. O *corpus* da pesquisa é constituído de 50 produções textuais que foram fornecidas pelos professores do curso do Centro Cultural Brasil-Itália (CCBI) com sede em Roma. A partir dos dados, verificaremos quais preposições foram utilizadas em seus sentidos prototípicos, e quais preposições foram remanejadas para abranger outros significados para além daqueles de usos mais recorrentes. A análise terá como pressuposto teórico a Linguística Ecológica, com ênfase na Ecologia das Relações Espaciais (ERE), proposta por Couto (2007, 2017).

Palavras-chave: Língua materna; Língua Adicional; Linguística Ecológica.;Preposições; Ecologia das Relações Espaciais.

1. Introdução

Quando nos dedicamos a aprender uma nova língua, é certo que encontraremos dificuldades em determinados temas. E as preposições constituem, sem sombra de dúvidas, uma das seções das gramáticas que ensejam muitos tropeços. O senso comum já nos adverte que o português é um dos idiomas mais difíceis para assimilar. As gramáticas normativas apenas corroboram a problemática, na medida em que, ao enquadrarem as preposições como classes invariáveis, cuja função se restringe à relação entre termos, deixa-se de evidenciar outros aspectos interessantes, como o semântico, que tornam essa categoria gramatical cheia de sutilezas. A título de ilustração, lembrei-me de uma manchete que dizia algo assim: "Idosa reage a assalto e bate no bandido *com* bengala". Para muitos, a frase passará despercebida. No entanto, a ambiguidade saltará aos olhos de um leitor atento.

Em uma aula de português tradicional, esse exemplo (se aparecesse) seria destrinchado em identificação e classificação. De modo didático, os estudantes destacariam a preposição "com", e indicariam que seu papel temático é de "instrumento", que é uma das concepções mais abordadas pelas gramáticas. Nesse sentido, entenderíamos que a "idososa" utilizou uma "bengala" para tentar se defender de um "bandido". Entretanto, a preposição "com" também pode denotar "posse". Isso posto, a interpretação seria outra, a de que a "bengala" seria do "bandido", e não da "idososa". Embora a imagem dessa situação pareça cômica, ela é plausível. E é esse caráter das preposições que lhes possibilita designar novos significados. Desse modo, aulas que se atenham à memorização dos usos das preposições (posse, matéria, causa, modo etc.), ao invés de uma abordagem baseada em raciocínio, pouco ou nada contribuem para um aprendizado eficiente.

Isso posto, reiterando que as preposições são de fato um elemento difícil de dominar, e não apenas no português, concluímos que se as adotássemos como objeto de pesquisa, analisando o modo como aprendentes as empregam em diferentes contextos, surgiria a possibilidade de compreender seus múltiplos valores semânticos, bem como de investigar quais seriam alguns dos problemas que impedem o desenvolvimento da competência comunicativa do sistema preposicional de língua portuguesa. Contudo, é importante destacar que nosso enfoque não é distinguir o uso que atende ao convencionalizado pelas gramáticas daquilo que seria classificado como "desvios" da norma padrão. Partindo da premissa de que "erros" são saberes provisórios,

pretendemos encará-los como um processo que integra o pensamento do estudante. Esses registros serão fundamentais para que repensemos estratégias que oportunizem o uso adequado dessa classe gramatical, a partir de atitudes reflexivas.

1.1 Ecolinguística: breve panorama histórico

Se apresentássemos o termo “ecolinguística” para um leigo, e pedíssemos que ele tentasse deduzir o objetivo de estudo dessa disciplina, provavelmente ele associaria o prefixo “eco” à ecologia, à “linguística” e à linguagem. Embora represente uma ideia simplificada, ela, de fato, se aproxima do propósito da teoria. Inspirada na biologia, a ecolinguística se propõe a estudar as inter-relações entre língua e meio ambiente. De forma análoga à ecologia, definida por Haeckel (1866) como “a ciência que estuda a relação dos organismos com o ambiente” (FIEDLER *et al.*, 2021, p. 233), a ecolinguística nos mostra que assim como os organismos estabelecem relação com o *habitat* que os circunda, nós, seres humanos, integrados em determinado espaço, igualmente interagimos uns com os outros. E essa interação, cabe destacar, ocorre através de complexos processos de linguagem.

A despeito dessa relação entre língua e ambiente, os pesquisadores da área atribuem o pioneirismo a Edward Sapir (1969, *apud* COUTO; FERNANDES, 2013, p. 293). Destoando do que era de praxe à época, o linguista incorporou às suas reflexões não apenas o aspecto social, mas também os fatores físicos. Por físicos, segundo Sapir (1929 *apud* SILVA, 2020, p. 25), entende-se tanto os elementos abióticos que garantem a sobrevivência dos organismos (relevo, clima, pluviosidade etc.) quanto os elementos bióticos, que dizem respeito a todos os seres vivos da comunidade biológica. Isso posto, essa nova tendência de pensamento, no qual a língua é intrínseca aos ambientes físicos e sociais, é um lampejo do que se configurará como a ecolinguística propriamente dita.

Todavia, foi Haugen, na década de 1970, que ficou conhecido como o instituidor da ecolinguística (COUTO; FERNANDES, 2013, pp. 293-294). Apesar de não ter utilizado o termo tal como é difundido atualmente, mas as expressões “ecology of language” e “language ecology”, foi ele o precursor do assunto. Após a palestra na qual abordou o tema, Haugen publicou o livro intitulado *The ecology of language* (Stanford University Press, 1972), que o consolidou como o precursor da teoria. Fato interessante, já que consta que o primeiro registro escrito da palavra

“ecolinguística” (1975) é atribuído ao sociolinguista Jean-Baptiste Marcellesi (COUTO, 2018, pp. 97-98). De todo modo, independentemente de quem registrou a palavra primeiro, o que se vê são vertentes e modelos teórico-metodológicos para a perspectiva ecológica da língua.

Se Haugen contribuiu com os princípios teóricos da ecolinguística — “o estudo das interações entre qualquer língua dada e seu meio ambiente” (1972, *apud* COUTO, 2013, p. 278) —, Alwin Frank Fill foi quem delimitou seu objetivo, difundido-a como disciplina por todo o mundo. Analisando os trabalhos que estavam sendo desenvolvidos no campo da linguística aplicada, com enfoque nas pesquisas de Michael Halliday, Fill (2015) ressaltou que os linguistas precisariam superar as discussões relacionadas às estruturas da língua. O cerne de interesse, portanto, deveria ser as interações comunicativas entre as pessoas e o meio ambiente que as circunda. Não é que aspectos gramaticais deixassem de ter relevância, mas a atenção se voltaria para o modo como o sistema linguístico é articulado para construir realidades, principalmente realidades nas quais vigore a visão antropocêntrica.

Para um leigo (ou para pessoas ingênuas), pôr o homem¹ no “centro do universo”, talvez, seja uma maneira de garantir a nossa sobrevivência como espécie. No entanto, essa cisão entre *homem x demais “coisas” do mundo* consiste em incorporar um modelo de vida “padrão” que enxerga a natureza com base no que soa “útil” ou “inútil”, decerto, para um determinado grupo seletivo. Para validar sua afirmação sobre essa visão utilitarista da natureza, Fill aponta alguns exemplos. Vejamo-los pela perspectiva de Couto (2012, pp. 17-19). Dentre os inúmeros apontamentos, não há a menor dúvida de que os eufemismos são um dos mais impactantes². Para invisibilizar a violência perpetrada contra os seres vivos, opta-se por “pescar” no lugar de “matar peixe”, “caçar” ao invés de “perseguir para matar”, “desflorestar” em substituição a “matar árvores”. A esse rol, eu acrescento “testar em animais” em oposição a cada procedimento que de fato é realizado para se atingir um objetivo específico na indústria, sobretudo na de cosméticos.: “mutilar”, “envenenar”, “intoxicar”, “torturar”, “submeter a dor extrema”, “matar” etc. Ainda nesse setor industrial, temos o “abate”, que de modo algum evidencia as etapas de “beneficiamento” cárneo: suspensão da alimentação, degola, pendura por uma das “patas” traseiras

1 Façamos a ressalva de que “homem” não contempla a todos de forma equânime.

2 Para aprofundar o conhecimento em relação às estratégias de eufemização, ler Trampe (2017).

em trilhos aéreos, sangria, esfola, evisceração, refrigeração, cortes e desossas, embalagem e expedição (BLOCK *et al*, 2016).

Outra estratégia tão desconcertante quanto a de eufemização é o androcentrismo³ na linguagem. Na língua portuguesa, um exemplo tangível é o masculino globalizante. Uma experiência trivial que possibilita atestarmos isso é se uma mãe tiver um menino e uma menina, a referência às crianças será “meus filhos”. À primeira vista, confrontarmos esses usos poderá parecer uma espécie de censura dos linguistas, todavia, como sabidamente Couto (2012, p. 11) destacou, o objetivo é “chamar a atenção para esses fatos, a fim de que se possa agir adequadamente”. A partir do momento, em que se normalizam essas expressões generalizadoras, o preconceito e a discriminação se perpetuam. Dito de outro modo, fazer “vista grossa” ao caráter androcêntrico dos sistemas que regulam a vida em sociedade, apenas robustece a reprodução social de que as mulheres são “menos pessoa” do que os homens, principalmente se elas forem negras, periféricas, indígenas, imigrantes, mães.

Soma-se a esses dois exemplos muitos outros que denotam preconceitos, reforçam estereótipos, contribuem para o silenciamento de grupos minoritários. Couto (2012, p. 17) enumera “etnocentrismo”, “racismo”, “crescentismo”, “sexismo” etc. Compondo uma crítica a respeito dessas tendências, o pesquisador adiciona o “classismo”: “Trata-se de termos relacionados com determinados segmentos da sociedade” (COUTO, 2012, p. 18). É a concepção — com raízes tão profundas que mantém perene a relação “senhor-servo” típica do período colonial —, que se fundamenta em “classe dominante”, aquela em que as referências frequentemente ganham conotação positiva (elitismo), em oposição à “classe pobre”.

1.2 A Linguística Ecológica (LE)

Após esse percurso sobre as bases instituidoras da ecolinguística em uma visão macro, vamos direcioná-la para o contexto nacional. No Brasil, o primeiro linguista a tratar do assunto foi o professor Hildo Honório do Couto no texto “The place of place in creole genesis” (1998)⁴, apresentado no Simpósio “Pidgin and creole languages in the 21st century” em Nova Iorque. Desde então, Couto tem sido uma das principais referências de pesquisadores dedicados à área. Em 2007,

3 Como bem destacou Couto (2012, p. 11): “irmão do machismo e do sexismo”.

4 Disponível: <http://www.ecoling.unb.br/images/1_Place_of_place.pdf>. Acesso: 24 mai. 2022.

com a publicação de *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*, instaurou-se a vertente da ecolinguística no país, que a partir de 2015 passou a ser denominada linguística ecossistêmica (COUTO, 2015).

1.3 Preposições na Ecologia das Relações Espaciais (ERE)

Contra-pondo-se à ideia de que as preposições são apenas elos sintáticos, a linguística ecossistêmica (LE) as compreende como aptas a desempenhar outras funções para além das morfossintáticas. Assim, muitos linguistas contemporâneos estão propondo uma revisão do conceito, segundo o qual essa categoria desempenha papel importante nos enunciados, dado que sua ausência ou sua presença pode resultar em alterações no campo semântico. Por exemplo, enquanto que em “Fui **a** trabalho”, a preposição concorre para transmitir a noção de “finalidade”, em “Fui **para** o trabalho”, a preposição indica “movimento / em direção a”. Desse modo, o que se constata é que, na verdade,

tudo na língua é semântico, isto é, tudo tem um significado. [...] As preposições não fazem exceção a isto: Nós trabalhamos *com* ele, e não *contra* ele.

Contextos deste tipo ressaltam bem o significado de unidades como *com ele* e *contra ele*, auxiliados por diferentes preposições. [...] Ora, cada preposição tem o seu significado unitário, fundamental, primário, que se desdobra em outros significados contextuais (sentido), em acepções particulares que emergem do nosso saber sobre as coisas e da nossa experiência de mundo (BECHARA, 2009, p. 250).

Nessa ótica, COUTO et al. (2007a; 2012; 2017a) se baseia em Bernard Pottier (1962 *apud* COUTO et al., 2017a, p. 188) para introduzir os estudos sobre as preposições na perspectiva da LE, mais especificamente na ecologia das relações espaciais (ERE). No primeiro nível, por meio de uma representação tridimensional (Figura 1), os pesquisadores (2017, p. 189) sugerem que as preposições têm originalmente uma acepção espacial. Ou seja, a hipótese deles é favorável à primariedade espacial dessa categoria gramatical. Para mais, eles propõem que os outros valores que elas estabelecem (nocional, temporal) seriam redutíveis à espacialidade (COUTO, 2010 *apud* SIMIÃO, p. 88, 2018).

ECO-REBEL

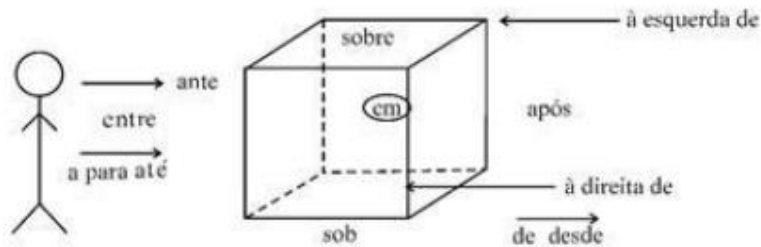


Figura 1.

No que concerne à Figura 1, Couto *et al* (2017, pp. 189-190) agrupa as preposições em duas categorias: de um lado, figuram aquelas em que a presença de um observador é imprescindível. De outro, acomodam-se aquelas que independem dele, pois a relação “está objetivamente lá”. Em seguida temos as preposições que independem de um observador. São as que se enquadram nas seguintes posições: “interioridade” que se opõe a “exterioridade”, “horizontalidade” que se opõe a “verticalidade”, e “superioridade” que se opõe a “inferioridade”. Quanto às preposições que dependem de um observador, estas são as relações: “anterioridade” que se opõe a “posterioridade”, e “dexteridade” que se opõe a “sinistridade”.

Partindo do centro do cubo tridimensional (Figura 1), explicaremos de modo sucinto o que cada relação contempla. Consoante Couto (2017, p. 189), a preposição que exprime “interioridade”, e que é a “mais usada na maioria das línguas do mundo, além de substituir muitas outras” é *em* (certamente que há outras preposições / locuções prepositivas com sentido equivalente, tal como *dentro de*). Dentre as dez relações, a “interioridade” seria “universal”, a mais abrangente, uma vez que o que ela existe independentemente da observação de alguém.

Seguindo na análise, temos em oposição à “interioridade” a “exterioridade”, cujo lexema mais comumente usado é *fora de*. cremos que essa definição, não aprofundada pelo pesquisador, tanto é que nem consta no modelo tridimensional, seja motivada pelas características físicas do que está sendo levado em consideração.

ECO-REBEL

No que tange às relações de “horizontalidade” e de “verticalidade”, Couto (2017, p. 189) menciona que elas são importantes para estabelecer as demais relações. De modo a obtê-las (“horizontalidade” / “verticalidade”), é preciso traçar uma linha imaginária vertical partindo de *sobre* até *sob*, e uma linha horizontal partindo de *antes* até *depois*. No cruzamento entre elas, encontra-se o *em*. Os extremos da linha vertical são as relações de “superioridade” e de “inferioridade”.

No que se refere à linha horizontal, dela advêm as relações de “anterioridade” e de “posteridade”, geralmente lexicalizadas por *antes* e *após*, respectivamente, bem como as relações de “dexteridade” e de “sinistridade”, lexicalizadas, nessa ordem, por *à direita de* e *à esquerda de*.

2. Métodos

2.1 A metodologia na Linguística Ecológica

Tendo em vista que a linguística ecológica, vertente da ecolinguística no Brasil, é uma teoria recente, há de se convir que as pesquisas nela desenvolvidas também o são. Em razão disso, seus métodos de análise ainda estão sendo definidos. E esse é um ponto no qual alguns críticos se debruçam, estigmatizando-a por não ter um método próprio (ALBUQUERQUE, 2015, p. 132). No entanto, esse posicionamento não é pertinente, posto que pensar pela perspectiva ecológica pressupõe dinamismo. Dessa forma, para alcançarmos os objetivos, a ótica cartesiana, para a qual cada teoria comporta um método específico, limitaria a percepção do pesquisador em relação aos vários elementos que se articulam nas interações comunicativas. Assim, a visão ecológica de mundo demanda um olhar para as relações entre língua, povo e território em sua integralidade.

ECO-REBEL

Apesar de a linguística ecossistêmica ter muito pouco tempo como disciplina científica, ela nos mostra que o fazer ciência nos moldes tradicionais, nos quais o olhar se volta para o objeto em uma única direção, é contraproducente. Dito de outro modo, para estudarmos os fenômenos relacionados à linguagem, será preciso dispor de métodos diversificados, tamanha é a complexidade das relações entre língua e meio ambiente. Em vista disso é que a linguística ecossistêmica se sobressai, ao preconizar uma abordagem multimetodológica, multidisciplinar (ou multiteórica) e multilateral. No entanto, eleger vários métodos não implica que tudo é permitido. A partir do momento em que o pesquisador define seu problema de pesquisa, a escolha por quais caminhos seguir obedecerá uma lógica. A seleção desses percursos não ocorre de forma aleatória. Os métodos de análise precisarão não apenas estar relacionados ao objeto de estudo específico, mas lhes serem complementares.

Uma vez dispostos, os métodos apropriados oferecerão subsídios a esse pesquisador, de modo que ele direcione seu olhar tanto para o aspecto microscópico do fenômeno em questão quanto para as diversas facetas que o constituam. É o que Couto (2018, p. 26) apresenta como o “método da focalização”, em referência ao proposto por Garner (2004). Ao nos debruçarmos sobre um determinado objeto, devemos esquadrihá-lo tomando como pontos de referência as perspectivas de “diferentes janelas”, bem como aquelas que a “cumeeira da casa” também nos possibilitem enxergar.

Na prática, a proposta é que o investigador se inteire do conhecimento através de uma abordagem holística (termo derivado do grego *holos*, que significa “o todo, completo, global”), na medida em que se atenha às relações e às interações entre o objeto e o seu contexto. É importante destacar, no entanto, que partir do micro ao macroscópico (ou vice-versa) tende a propiciar um ponto de vista o mais completo possível, embora não signifique que o pesquisador precise se aprofundar em tudo. Alinhar-se ao paradigma da visão ecológica de mundo (VEM), em contrapartida à visão ocidental de mundo (VOM), mecanicista e reducionista, na qual há uma supremacia do homem em relação à natureza, possibilita ver e compreender o mundo não de modo fragmentado, mas como um sistema em que todos os elementos físicos, biológicos e socioculturais se interconectam.

2.2 Procedimentos para a coleta de dados

Com o objetivo de analisar os usos das preposições pelos falantes de italiano como língua materna na aprendizagem do português brasileiro como língua adicional, definimos 50 produções textuais como *corpus*. Esses textos foram encaminhados por e-mail pelos professores do curso Português como Língua Adicional (PLA) do Centro Cultural Brasil-Itália (CCBI) com sede em Roma. Com o intuito de promover a língua portuguesa no exterior, o Ministério das Relações Exteriores (MRE) do Brasil instituiu esses centros culturais, vinculados às embaixadas e aos consulados. Após a verificação documental, identifiquei que os anexos continham produções de diferentes níveis de proficiência, “Intermediário I”, “Conversação nível Intermediário” etc., com atividades realizadas entre os anos de 2015 a 2021. Para manter a privacidade, cada texto foi encaminhado apenas com as iniciais do nome e do sobrenome do estudante.

2.3 Procedimentos para a análise de dados

Dado que o objeto de pesquisa são os usos das preposições por aprendentes italianos de português, e que tais partículas exercem uma função verdadeiramente importante no enunciado, porque estabelecem relações que contribuem para a construção de sentido, analisaremos se as escolhas lexicais foram remanejadas para indicar outros sentidos para além dos prototípico, com base na ecologia das relações espaciais (ERE).

Tendo em mãos os dados, seguiremos três etapas propostas por Bardin (2011):

1. Os dados serão avaliados, conforme sua importância para a análise do objeto de pesquisa;
2. Após avaliação, os dados serão categorizados por “preposições menos marcadas” e “preposições mais marcadas” da língua;
3. As relações semânticas das preposições serão analisadas sob duas perspectivas: “sentido prototípico” e “sentido remanejado”.

3. Resultados

A análise dessa pesquisa ainda está em desenvolvimento. Por isso, os resultados obtidos são parciais. A partir do que já foi analisado, constatamos que os falantes de italiano como língua

materna que estão aprendendo português brasileiro como língua adicional empregam as preposições sem muitas dificuldades, até mesmo quando são estudantes de níveis mais básicos. O fato de o italiano e o português serem línguas consideradas próximas, no entanto, não deve ser o que enseja esse domínio, uma vez que nem sempre as diversas situações frasais são expressas de modo semelhante. Por exemplo, a frase “Vou **ao** trabalho **de** ônibus”, em italiano seria “Vado **al** lavoro **in** autobus”. Equivale isso a dizer que uma “tradução por analogia” incorreria em “erro”. Outro caso que me ocorreu foi de um estudante que escreveu “Depois disso ele fugiu **para** a Colômbia”. O que despertou a curiosidade foi o fato de que o grupo verbal corresponderia em italiano a “[...] fuggito **in** Colombia”.

Esse panorama suscita questões interessantes, na medida em que nos desafia a compreender o processo pelo qual esses aprendentes conseguem selecionar as preposições que satisfatoriamente atendem às convenções do português brasileiro, mesmo quando há circunstâncias em que elas diferem na língua materna. Além disso, o levantamento nos mostra que o uso das preposições com noção prototípica diminui, conforme o nível de proficiência aumenta. Essa constatação sugere que quanto mais o estudante tem contato com a língua-alvo da aprendizagem, mais o rol das preposições com seus matizes semânticos aumenta. O que não conseguimos mensurar, até o momento, é se esse conhecimento decorre de práticas repetitivas que foram mecanicamente armazenadas na memória, ou se há uma relação lógica em termos de polissemia das preposições entre esses dois idiomas. Como advertimos, a pesquisa ainda está em andamento. Nosso intuito é melhorar essa compreensão.

4. Discussão

Dentre um rol extenso de preposições e de locuções prepositivas, a escolha por iniciar a análise com *em* não foi aleatória. No artigo “A ecologia das relações espaciais: as preposições do crioulo guineense”, Couto (2007, p. 91) propõe que o conectivo mais abrangente, “universal”, e por isso o mais comum nas línguas do mundo é o *em*, no equivalente em português. E por ser ela a preposição menos marcada da língua, o que implica compreender posições de modo geral, sua relação mais prototípica é a de “interioridade”.

É certo que o processo histórico pelo qual as preposições passaram desde o latim até as línguas românicas, com maior enfoque para a língua portuguesa e para o italiano, está longe de capturar a abundância de valores semânticos imbricados nelas. No entanto, as frases constituintes

ECO-REBEL

do *corpus* fornecem informações relevantes de usos frequentes dessas partículas. De tal sorte que a preposição portuguesa *em* pode denotar⁵

1. meio → “Pagava *em* cheque tudo o que comprava.”
2. avaliação → “A casa foi avaliada *em* milhares de cruzeiros.”
3. fim → “Pedir *em* casamento.”
4. matéria → “Gravura *em* aço.”

De forma análoga ao português, a preposição italiana *in* também expressa inúmeros sentidos, inclusive os de estaticidade/permanência, e os de movimento em relação a um lugar. Exemplos⁶:

1. lugar onde uma ação acontece (estático) → “*In* classe, ci sono studenti di tutto il mondo” (Na sala, há estudantes do mundo todo).
2. lugar para onde uma ação se dirige (dinâmico) → “É stato mandato *in* esilio per motivi politici” (Foi mandado *para* o exílio por motivos políticos).
3. fim → “Questo esemplare non è *in* vendita, è solo *in* mostra” (Este exemplar não é para venda, é apenas *para* amostra).
4. meio → “Sono venuto dal mio paese *in* aereo” (Vim do meu país *em* um avião).

4.1 Preposição *em*

Façamos a análise de alguns dos usos da preposição *em* pelos aprendentes italianos de português. Para isso, selecionei a seguinte amostra:

Texto 1

Há poucos dias, fui a três boas pastelarias perto da minha casa e disse: "Gostaria comprar a sua melhor sobremesa artesanal em forma de pomba porque vou fazer um concurso nos dias de Páscoa!"

5 Os exemplos foram retirados da “Moderna Gramática Portuguesa”, de Evanildo Bechara (2019).

6 Exemplos retirados de “Le preposizioni” (CHIUCHIÚ *et al*, 1984).

ECO-REBEL

Depois eu disse os nomes das outras duas lojas concorrentes do bairro e já foi muito divertido ver os donos, ou ajudantes, preocupados com qual sobremesa vender para mim.

Na semana passada fui à loja vencedora e o que aconteceu quando o comuniquei foi inesperado: uma empregada parou de atender um cliente e comemorou com a outra na caixa, o dono me regalou uma pomba e fiquei surpreendido e muito engraçado.

Assim encomendei um troféu com placa pela internet e vou trazer para eles quando chega!

A.A.

Intermediário I

No que diz respeito a esse texto, constatamos que a preposição *em* foi utilizada em quatro sentenças.

1. “Gostaria comprar a sua melhor sobremesa artesanal **em** forma de pomba”.
- 2, “[...] voi fazer um concurso **nos** dias de Páscoa!”.
3. “**Na** semana passada fui à loja vencedora”.
- 4, “[...] uma empregada parou de atender um cliente e comemorou com a outra **na** caixa”.

No exemplo (1), a preposição *em* compõe uma locução adjetiva “em forma de”, que modifica o núcleo nominal ao qual ela se refere, “sobremesa”. Isso posto, percebe-se que o conteúdo semântico não é espacial, mas nocional, expressando “configuração física”. Esse processo em que o sentido prototípico de *em* se amplia, devido à interação com os outros termos, é possibilitado justamente pelo caráter poroso dessa preposição, razão pela qual nos deparamos com inúmeras ocorrências de expressões idiomáticas, tais como “de vez em quando”, “em que medida”, “em riste”, “em vez de” etc. Até mesmo na formação de palavras, muitas das quais sequer nos damos conta de que são compostas por *em* (e pela sua variante *en*), como “embutir” (fazer entrar em), “engarrafar” (colocar dentro de garrafas), “engavetar” (guardar dentro de gaveta)⁷ etc.

7 É importante destacar que nem toda palavra formada pelo prefixo *em-* mantém os traços semânticos da preposição latina que a originou. Por exemplo, “empobrecer” não está relacionado com a ideia de “localização”, mas de “transformação”. Sobre esse assunto, recomendo a leitura de “Prefixação de origem preposicional na Língua Portuguesa”, de Susana Nunes (2011).

ECO-REBEL

Em (2) e (3), verificamos que o aprendente recorreu às formas aglutinantes de *em* para designar períodos de tempo específicos, “dias de Páscoa” e “semana passada” respectivamente. Logo, as relações que essas preposições estabelecem é de temporalidade. Se nos ativermos a esse valor, perceberemos que a hipótese da ERE de que originariamente as preposições são espaciais é plausível, dado que os acontecimentos se realizam em um espaço de tempo.

Quanto à sentença (4), há dois aspectos interessantes para analisarmos. O primeiro deles diz respeito ao sentido manifesto que a frase escrita suscita. Todavia, antes de esclarecê-lo, apresentarei o contexto. A atividade que motivou a produção do texto em questão tinha como temática “histórias engraçadas ou assustadoras”. O aprendente iniciou contando que pretendia realizar um concurso na páscoa, com o propósito de eleger a “melhor sobremesa artesanal”. Um dos doces italianos típicos desse época festiva é a colomba pascal, um pão com formato de pomba, por isso o nome “colomba”, “pomba” em italiano. Para incitar a competição, ele encomendou o prato em três confeitarias⁸ próximas a casa dele.

Quando o resultado foi divulgado, o aprendente foi até a confeitaria campeã. Após dar a notícia, uma das funcionárias parou o atendimento e foi comemorar ao lado de “outra”⁹ pessoa. No entanto, ao retermos a frase, conforme está escrita, a ideia sugerida é de que tanto essa atendente, quanto essa “outra” pessoa estão celebrando “dentro” de uma caixa. O que soa engraçado. E essa interpretação é realizável, devido ao sentido prototípico da preposição *em*, comumente empregada com o significado de “dentro de, no interior de”. Porém, pelo bom senso, compreende-se que essa “outra” pessoa é a atendente de caixa. Em outros termos, é a funcionária que está “no caixa”¹⁰, com a função de registrar a entrada/saída do dinheiro. Ainda que haja essa constatação, nota-se que o sentido de “localização no espaço” não se dissipou, dado que quem ocupa a posição de caixa *está na* seção onde se recebe o pagamento.

8 No texto, o aprendente escreveu “pastelaria” ao invés de “confeitaria”. Provavelmente, essa escolha lexical foi influenciada pelo termo em italiano, “pasticceria”.

9 No meu modo de ver, o pronomine indefinido “outra” está ambíguo, porque tanto pode se referir a uma cliente, quanto a uma funcionária.

10 Em italiano seria “addetti alle vendite”.

4.2 Preposição *com*

Outra preposição frequentemente utilizada é *com*. De acordo com a ERE, o sentido prototípico dessa partícula é de “proximidade no espaço, concomitânica, copresença”. Em outras palavras, designa um fenômeno em que um instrumento ou alguém está presente na ação, não necessariamente em contato direto um com o outro. No entanto, ao examinarmos as construções introduzidas por *com*, constatamos que sua porosidade também contribui para a ampliação de seus matizes de significado (modo, causa, instrumento, matéria etc.). A título de exemplo, vejamos:

Texto 2

Uma mulher está na cama com seu amante quando o marido dela volta mais cedo para casa. O amante muito contrariado esconde-se no armário, mas esquece seu telefone celular em cima da mesa de cabeceira, mas o marido finge que nada aconteceu, va na outra cama e espere pelo jantar. O dia que tras o marido volta com um amigo em casa, va no quarto, de repente puxa as cobertas e acha a mulher com o amante na cama.

Pega a arma e a ponta na direção do homem.

A mulher diz: pare, não atire: - É ele que pagou o carro novo que te comprei, ele pagou a renda da casa o mar, é sempre ele que paga a viagem no Brasil.

O homem vira-se para o amigo e pergunta: E agora? O que faço?

O amigo responde: Cubra-lo porque está frio!

M.B.

Intermediário I

Em relação a essa amostra, identificamos que a preposição *com* foi utilizada em três sentenças.

1. “Uma mulher está na cama **com** seu amante”.
2. “[...] o marido volta **com** um amigo em casa”.
3. “[...] acha a mulher **com** o amante na cama”.

Observa-se que o sentido prototípico de “copresença/companhia” prevaleceu. Interessante destacar que esse traço primário apresentou alta frequência nas demais produções textuais. Recuperando o texto 1, temos essa noção em “[...] comemorou **com** a outra”. Para mais, a temos

também em “[...] preocupados **com** qual sobremesa vender para mim”. Ainda que de forma sutil, a noção de espacialidade é evocada nessa situação, tendo em conta que, ao nos “ocuparmos antecipadamente” (pre + ocupar) com algo/alguém, trazemos para nós o fato que está gerando inquietação. Nessa perspectiva, estamos na “companhia” do que nos causa desassossego. Por fim, também temos essa ideia em “[...] encomendei um troféu **com** placa”.

4.3 Preposição *para*

A respeito da preposição *para*, cuja frequência nos textos também é bastante alta, podemos dizer que seu sentido prototípico é de “direção”, conforme a Ecologia das Relações Espaciais. Em razão desse uso recorrente, sua noção primária está sendo ampliada para abarcar novos sentidos. Dentre estes, um dos que gera controvérsias é o de “finalidade”. A questão que suscita é “ao estabelecer relação entre os elementos de uma sentença, o “para” com papel temático de *finalidade* é preposição ou conjunção?”. Por exemplo, em “Viera um vestido de Marta, **para** que a vestissem com ele” (CUNHA; CINTRA, 2013, p. 620), o “para” figura na seção de conjunção subordinativa final. Decerto que nossa proposta não é dirimir o litígio, mas, um ponto de destaque é que independentemente da classificação, ao ser remanejada, *para* (finalidade) não perde a noção de “percurso, movimento em direção a”. Dito isso, vejamos a seguinte amostra:

Texto 3

Normalmente não tenho muita memória dos acontecimentos, mas tenho um episódio muito assustador que aconteceu durante um viaje para o Brasil o que eu lembro muito bem. Eu com minha turma costumamos de ir para o Brasil todos os anos para praticar kitesurf. Nos curtimos de ir usualmente ao Cumbuco, uma pequena vila norte de Fortaleza. Para chegar a Fortaleza nos transitamos de Rio ou S. Paulo, porque não tem voos directo da Roma para Fortaleza.

No ultima viagem, no 2019, eu tinha mais ferias dos meus amigos e decidi de ir sozinho por alguns dias para Aruba, uma islã norte de Venezuela. O voo deixava na madrugada e eu, sozinho, deixei meu amigos para o aeroporto de Uber. In frente do banco de aceitação, eu descobri que tinha deixado meu telefone no Uber...

O telefone continha, alem dos números de telefone dos todos amigos, o passagem de avião, as referencias de meu hotel in Aruba, os telefone para alugar o carro in Aruba... Um super abacaxi!

ECO-REBEL

Felizmente tinha um Ipad com quem consegui fazer o telefone tocar... o motorista respondeu mas eu falava pouco Portuguese e ele tinha um sotaque muito complicado... A empregada de Aerolinea me cobrou este galho, falando com o motorista que me trouxe de volta o telefone. Tudo bem o que acaba bem!

A.P.

Intermediário I

Percebe-se que nesse recorte, há 8 sentenças introduzidas por “para”.

1. “[...] aconteceu durante um viaje **para** o Brasil”.
2. “[...] costumamos de ir **para** o Brasil”.
3. “[...] costumamos de ir para o Brasil todos os anos **para** praticar kitesurf”.
4. “**Para** chegar a Fortaleza nos transitamos de Rio ou S. Paulo”.
5. “[...] não tem voos directo da Roma **para** Fortaleza”.
6. “[...] decidi de ir sozinho por alguns dias **para** Aruba”.
7. “[...] deixei meu amigos **para** o aeroporto de Uber”.
8. “O telefone continha, alem dos números de telefone dos todos amigos [...], os telefone **para** alugar o carro in Aruba”.

Em 4 dessas ocorrências, o sentido prototípico de "direção no espaço" foi mantido: (1), (2), (5) e (6). Em contrapartida, em (3), (4), (7) e (8), ocorreu remanejamento. Nesses casos, o *para* está evocando ideia de "finalidade, objetivo".

Referências

- ALBUQUERQUE, Davi Borges de. Palavras iniciais sobre a metodologia em ecolinguística. *Via Litterae*, v. 7, n. 1, 2015.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 38ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BLOCK, Nayara Caroline da Silva; COSTA, Gabriel S. Alves da; GONÇALVES, Karoline Yoshiko; NEGRÃO, Pedro Henrique Barros. *Processo de produção da carne bovina: dos animais ao produto final*. UNESPAR: X EEPA, 2016.
- CHIUCHIÚ, A.; FAZI, M. C.; BAGIANTI, R. *Le preposizioni*. Perugia: Guerra, 1984.
- COUTO, E. K. N. N. do; FERNANDES, Eliane Marquez da Fonseca. Aquisição de língua: uma perspectiva ecolinguística. *Letras de Hoje*, v. 48, n. 3, p. 290-298, 2013.
- COUTO, H. H. do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.
- COUTO, H. H. do. Ecologia das Relações Espaciais: as preposições do crioulo guineense. *Papia: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares*, n. 17, p. 80-111, 2007a.
- COUTO, H. H. do. Ecologia das preposições espaciais portuguesas. *Lusorama*. 2010.
- COUTO, H. H. do. Onomasiologia e Semasiologia revisitadas pela Ecolinguística. *Revista Estudos Linguísticos*, v. 20, n. 2, p. 183-210, 2012.
- COUTO, H. H. do. Linguística Ecolinguística. *Ecolinguística: Revista brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)*, v. 1, n. 1, 2015.
- COUTO, H. H. do. Linguística Ecolinguística: um novo modo de estudar os fenômenos da linguagem. In: COUTO, Elza K. N. N. do et al. (org.). *Linguística Ecolinguística - 10 anos de Ecolinguística no Brasil*. Campinas: Pontes Editores, 2017.
- COUTO, H. H. do. *Ecologia das Relações Espaciais: as preposições do crioulo guineense*. *Revista Internacional em Língua Portuguesa*, v. 31, p. 177–208, 2017.
- COUTO, H. H. do. A metodologia na linguística ecolinguística. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)*, v. 4, n. 2, 2018.
- CUNHA, Celso; & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

ECO-REBEL

FIEDLER, Maico Stochero; NITSCHKE, Pedro Peixoto; SILVA, Carolina Prauchner; ALMEIDA, Thamara Santos de. Ecologia I: explorando as inter-relações da vida sob a ótica evolutiva. In: VIEIRA, Gilberto Cavalheiro; ARAÚJO, Leonardo Augusto Luvison. Ensino de Biologia: uma perspectiva evolutiva, v. I: *Interdisciplinaridade & Evolução*. Porto Alegre: Instituto de Biociências da UFRGS, 2021.

GARNER, Mark. *Language: an ecological view*. Oxford/Berlim: Peter Lang, 2004.

SILVA, Cleber Cezar da. *A relação entre língua e meio ambiente nos hidrônimos do estado de Goiás*. Tese de doutorado, Universidade de Brasília, 2020.

SIMIÃO, Lajla Katherine Rocha. *Um estudo Ecolinguístico do uso de preposições em redações de vestibulares*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Goiás, 2018.

TRAMPE, W. Euphemisms for killing animals and for other forms of their use. In: FILL, A.; PENZ, H. (ed.). *The Routledge Handbook of Ecolinguistics*. Londres: Routledge, 2018. p. 325-341.

Aceito em 02 de maio de 2023.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 9, N. 2, 2023.